

Arqueologia espacial e o Guarani no Vale Do Taquari, Rio Grande Do Sul¹

Sidnei Wolf²

Neli Teresinha Galarce Machado³

Luis Fernando da Silva Laroque⁴

André Jasper⁵

RESUMO: A busca pelo entendimento do espaço, a partir da distribuição da cultura material, surge com o advento na Nova Arqueologia, na década de 60 e 70 do século XX. A Arqueologia Espacial trata do estudo de aspectos relacionados às sociedades passadas, como a estruturação espacial da evidência arqueológica a fim de identificar as relações e as caracterizações espaciais, interpretando a organização social de um espaço específico. O objetivo deste artigo é analisar a distribuição espacial da cultura material compreendida por fragmentos de cerâmica, evidências líticas e vestígios arqueofaunísticos na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, localizado no município de Marques de Souza, região centro-leste do Rio Grande do Sul. Considerou-se a proposta teórico-metodológica da Arqueologia Espacial, onde o objeto deve ter uma gama de relações com outros objetos, privilegiando o seu contexto. A análise baseou-se na distribuição intra-sítio das diversas vasilhas e suas funções, bem como do material lítico com negativos de fogo e uso. A distribuição espacial demonstrou que a maioria das atividades estavam ligadas diretamente à área de combustão. Entre as atividades identificadas está o preparo e consumo de alimentos; o retalhamento de núcleos para obtenção de lascas bipolares; e o acabamento por polimento a artefatos líticos e vasilhas cerâmicas.

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia espacial, Sociedade Guarani, Áreas de atividade.*

¹ Projeto apoiado pelo Programa e Projetos de Extensão da Universidade do Vale do Taquari (PROPEX/Univates), Brasil; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Brasil; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (CAPES/PROSUP), Brasil.

² Graduado em História, mestre em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil.

³ Professora do curso de História e do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Brasil.

⁴ Professor do curso de História e do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da (UNIVATES), Brasil.

⁵ Professor do curso de Biologia e do Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da (UNIVATES), Brasil.

ABSTRACT: The search for the space understanding, from the distribution of material culture, emerges with the advent of New Archaeology, in the 60s and 70s of the twentieth century. Spatial Archaeology is the study of aspects related to past societies, such as the spatial structure of archaeological evidence to identify the spatial relationships and characterizations, interpreting the social organization of a particular space. The objective of this paper is analyze the spatial distribution of material culture comprised of fragments of pottery, lithic evidence and archaeo-faunal vestiges, at Area 2 of archaeological site RS-T-114, located in Marques de Souza, central-eastern region of the State of Rio Grande do Sul. We considered the theoretical and methodological proposal of Spatial Archaeology, where the object should have a range of relationships with other objects, favoring its context. The analysis was based on intra-site distribution of the various vessels and their functions, as well as the lithic material with fire and use traits. The spatial distribution showed that most activities were linked directly to the combustion area. Among the identified activities are cooking and consumption of food, the shredding of lithic core to obtain bipolar chips, and finishing by polishing the lithic artifacts and ceramic vessels.

KEY-WORDS: *Spatial Archaeology, Guarani Society, Activities Areas.*

Introdução

As pesquisas arqueológicas com o intuito de verificar e identificar as diferentes atividades e localizá-las no espaço doméstico de grupos ceramistas Guarani ainda carecem de escavações. A maioria dos estudos sobre a organização interna e externa das aldeias pré-coloniais possui na etnografia e etnohistória a principal fonte de informações⁶.

A busca pelo entendimento do espaço, a partir da distribuição da cultura material, surge com o advento na Nova

⁶Um dos principais trabalhos nesta temática é apresentado por Noelli (1993). O autor baseou-se em informações etnográficas, arqueológicas e lingüísticas para criar um modelo de ocupação Guarani.

Arqueologia, nas décadas de 60 e 70 do século XX. A Arqueologia Espacial trata do estudo de aspectos relacionados às sociedades passadas, como a estruturação espacial da evidência arqueológica, a fim de identificar as relações e as caracterizações espaciais, interpretando a organização social de um espaço específico (Hodder e Orton, 1990).

Clarke (1977) entende que a Arqueologia Espacial se ocupa de um conjunto de elementos e relações que representam atividades humanas em todas as escalas, bem como vestígios e artefatos que tenham deixado, a infraestrutura física que as acolheu, os nichos ecológicos que interferiram e a relação entre todos estes aspectos. Conforme o autor, os estudos devem restringir-se a três níveis de escala: dentro das estruturas, entre as estruturas e entre os diferentes sítios arqueológicos. Nessa perspectiva, os dois primeiros níveis referem-se ao espaço intra-sítio, enquanto que o terceiro, refere-se à análise inter-sítio.

Morales (2007, p.77) destaca que a pesquisa intra-sítio “privilegia os espaços internos dos sítios arqueológicos, mais precisamente, das suas áreas de atividade e unidades habitacionais”.

Busca-se contextualizar os artefatos, conectando uns aos outros, dentro do espaço do sítio arqueológico. Uma peça isolada não apresenta nenhum significado, mas em uma teia de relações com outros elementos que compõem o contexto arqueológico. As quantificações de artefatos cerâmicos, líticos, vestígios arqueofaunísticos e arqueobotânicos são comuns. Mas ao passo que estas descrições não são relacionadas a um determinado contexto, permanecem isolados e sem significado (Jacques, 2007).

Os grupos humanos em qualquer período histórico tem no espaço o marco de suas relações sociais. Estando englobado no seu conceito o meio físico e simbólico (Roura *et al*, 1986). A relação entre os seres humanos e o espaço, deriva de uma necessidade de adquirir condições vitais para sua sobrevivência no ambiente que os

rodeia para dar sentido e ordem a um mundo de acontecimentos e ações (Borrazás, Rotea e Vila, 2002).

Entretanto, devemos ater-se ao elemento humano por detrás desta possível ordenação. Silva (2000) cita o descarte realizado pelos Asuriní do Xingu. Segundo a autora, periodicamente as áreas de cozinha e de descanso são varridas e uma grande e variada quantidade de materiais é depositada nas áreas de descarte (cacos de cerâmica, restos de alimentos, objetos de cestaria, materiais industrializados, etc). Assim, observa-se uma mudança na distribuição espacial desta cultura material, ou seja, não mais se localizando em seu contexto de utilização.

Além do comportamento humano, fatores pós-deposicionais podem interferir na distribuição das evidências no local posteriormente analisado. A floraturbação é um destes fatores. Ela está relacionada à ação da flora (florestas) sobre o registro arqueológico. Segundo Milder (2000, p. 164) “a floraturbação é um (...) elemento atuante em sítios de planície de inundação que, na maioria dos casos, possuem florestas de galeria”.

Jacques (2007) chama a atenção para outro “vilão” da análise do espaço, o arado. Como supracitado, a ocorrência destes sítios em planícies de inundação é comum. Atualmente estas áreas são cultivadas em sua maioria por descendentes de imigrantes europeus, que se estabeleceram na região por volta da metade do século XIX, há aproximadamente 150 anos.

Este trabalho propõe uma discussão acerca das áreas de atividades dos grupos pré-coloniais Guarani, bem como localizá-las no contexto do espaço arqueológico, através da dispersão da cultura material pela área escavada. Procuramos identificar as particularidades presentes dentro do espaço intra-sítio. Para tanto, tomamos como objeto de estudo a o sítio pré-colonial RS-T-114, localizado no município de Marques de Souza/RS. O sítio tem sido alvo de estudo do Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates nos últimos anos.

Sendo assim, nosso itinerário será o seguinte: inicialmente apresentamos o grupo Guarani, preocupando-se com a questão da Tradição Arqueológica e Tecnológica Tupiguarani, a partir de trabalhos etnográficos e arqueológicos, com o objetivo de identificar as principais atividades desenvolvidas e a cultura material produzida e utilizada nestes possíveis contextos; na sequência deter-nos-emos, então, no objeto de estudo, o sítio arqueológico RS-T-114 e a metodologia aplicada na análise da cultura material; após a apresentação dos resultados, buscamos uma interpretação para o cotidiano pré-colonial.

Áreas de atividade Guarani

Toda atividade humana tem por local algum espaço físico ou simbólico. O ato de produzir e utilizar algum artefato lítico, uma vasilha cerâmica ou cultivar uma roça, são atividades características de grupos horticultores, como os Guarani. Ações que possuem áreas específicas, mas dentro do domínio espacial do grupo. Binford (1985) define as áreas de atividade como locais, lugares ou superfícies, em que ocorre algum evento (cozinhar, dormir, fabricar instrumentos). Podendo referir-se a atividades tecnológicas, ritualísticas e sociais.

Com base em dados etnográficos e etno-históricos, Noelli (1993) propôs um modelo ecológico para interpretação do sistema de assentamento Guarani, tanto sob aspectos micro-espaciais (nível dos assentamentos), como de mobilidade e estratégias de captação de recursos.

Segundo o autor, os domínios territoriais Guarani abrangeriam três níveis espaciais, refletindo laços de parentesco e reciprocidade. As atividades ocorreriam nos seguintes macro-espacos: o *amundá*, o *teko'á* e o *guará* (Noelli, 1993; Soares, 1997). O *amundá* refere-se ao nível da aldeia. Nele aconteceriam as relações entre os *teyy's* (famílias extensas).

As aldeias seriam formadas por uma ou várias estruturas de habitação, cada uma abrigando uma família numerosa. Além destas unidades habitacionais, Noelli (1993, p.100) cita a presença de estruturas anexas, que poderiam estar junto a estes espaços habitacionais ou distantes. Estas, segundo o autor, seriam locais “multifuncionais, cobertos ou não, utilizados para processar alimentos, cozinhar, depositar gêneros, instalar o tipiti, produzir objetos diversos, lazer, etc.” Arqueologicamente seriam reconhecidos “como oficinas de lascamento lítico, locais de cocção de vasilhas cerâmicas, ocasionalmente contendo estruturas de combustão”.

O *teko'á* referia-se à união de aldeias num território. Nesse espaço, os Guarani exerciam seu domínio e área de influência, onde o grupo buscava os elementos necessários à subsistência. Abrangeria três espaços distintos: a aldeia, onde localizavam-se as unidades habitacionais; as roças, onde era cultivada a alimentação; e a vegetação circundante (matas), donde provinham os materiais decorrentes das atividades de caça, pesca e coleta, bem como parte dos recursos naturais para a reprodução da cultura material. Os limites⁷ físicos do *teko'á* definiam-se a partir de acidentes geográficos, como os cursos de água e o relevo. Por fim, o *guará* pode ser definido como a nação, a partir do conjunto de *teko'á* (Noelli, 1993).

Além destes espaços, Milheira (2008, p. 28) salienta a presença de outras áreas, “com funcionalidades específicas, voltadas a exploração de recursos naturais”. Assis (1996, *apud* Milheira, 2008, p.28) denomina estes locais como acampamentos. Segundo o autor,

“Durante todo ano ou em períodos de maior abundância de produtos ambientais, grupos de

⁷Conforme Noelli (1993) e Soares (1997) além do caráter religioso e simbólico, o *teko'á* poderia ser definido a partir de alianças políticas e status social, na relação entre aldeias.

pessoas de uma ou mais aldeias deslocavam-se de suas residências e acampavam as margens dessas áreas de assentamento para exploração de recursos. Nos acampamentos construíam estruturas necessárias ao convívio cotidiano e utilizavam instrumentos para o abate, manipulação, armazenamento e transporte dos alimentos.”

Moraes (2007), nesse sentido, lembra que as aldeias são consideradas assentamentos base, enquanto que os acampamentos (roça, pesca e outros) corresponderiam a sítios com atividades específicas.

Ao tratar-se das áreas de atividade, principalmente entre os Guarani, está se lidando também com a divisão do trabalho entre os sexos. Existiam atividades que somente eram realizadas pelas mulheres, enquanto outras exclusivamente pelo sexo masculino. Esta divisão também pode ser relacionada às áreas onde as diversas atividades aconteciam. Ou seja, pode-se supor que determinadas áreas eram predominantemente femininas e outras masculinas.

Nesta divisão das diferentes tarefas do cotidiano do grupo, considera-se que as mulheres tinham como atividades principais: a confecção da cerâmica, a tecelagem, o trabalho na roça⁸ e o trabalho doméstico (ligado à produção de alimentos). Já a caça, a pesca e a produção de artefatos (tanto de ossos, couro e principalmente líticos), eram de exclusividade masculina (Noelli, 1993; Landa, 1995).

O *teko'á*, como supracitado, é considerado a área de onde provinham as principais matérias-primas utilizadas pelo grupo, tanto com o objetivo de produzir cultura material, quanto utilizada para o cultivo das roças. Um desses locais, localizado fora do espaço da aldeia era a roça. Landa (1995, p.3) afirma que as roças se

⁸Landa (2005) salienta que apenas a primeira parte da atividade agrícola, relacionada à derrubada da mata, era uma atividade masculina.

localizavam em “dois locais específicos: no entorno da aldeia e outra mais distante”. A primeira seria utilizada como “horta”, com alimentos utilizados no cotidiano ou que necessitavam de cuidados diários. Já a segunda, que necessitava a abertura de caminhos para ser acessada mais facilmente, era destinada ao cultivo de “produtos que necessitavam um espaço maior, como o milho e a mandioca, básicos na alimentação Guarani”.

Muitos dos cultivos tinham a primeira etapa do processamento na própria roça, como o descascamento da mandioca e a limpeza do milho. Entretanto, a localização exata destas atividades, bem como da roça, é muito difícil. Assim, como a designação do local específico da caça (Landa, 1995).

Fiengenbaum (2009, p.192) ao analisar a dispersão do material lítico, evidencia duas áreas. Uma relacionada ao espaço doméstico, onde “existem lascas e outros objetos pequenos associados ao preparo e consumo de alimentos, à confecção de cerâmica e outros artigos artesanais”, e outra no entorno da planície. Nessa área, evidenciam-se artefatos de maior porte, “feitos sobre blocos (machados polidos, bifaces, talhadores, mós e mãos, bolas de boleadeiras), que estariam relacionados ao cultivo, à produção artesanal maior e ao manejo agroflorestal e venatório”. Sendo assim, podendo evidenciar a localização das possíveis roças e áreas de cultivo.

A produção da cultura material

Apesar da produção de cultura material Guarani ser rica e variada, o arqueólogo depara-se apenas com alguns destes vestígios. A cultura material produzida a partir de matérias-primas vegetais e animais têm sua conservação limitada pelas condições climáticas. Os principais vestígios, e quase únicos, são os materiais feitos de argila e de pedra.

Característica de grupos horticultores Guarani, a cerâmica tinha sua produção dividida em duas etapas: a obtenção da matéria-prima e a confecção das vasilhas. A argila era coletada pelas mulheres em barreiros, que poderiam localizar-se próximos ou distantes da sede das aldeias. A segunda etapa tinha como local a aldeia e suas proximidades, onde se realizavam as técnicas de manufatura, secagem e cocção das vasilhas (Landa, 1995). Schmitz *et al.* (1990) afirma que a produção da cerâmica era realizada dentro da unidade habitacional.

A secagem seria realizada em uma área abrigada de intempéries, situada nas habitações ou nas estruturas anexas. Já a cocção, era realizada em um local próximo a aldeia, com madeira suficiente, para o abastecimento do fogo. Arqueologicamente seriam registradas pelas “manchas pretas”, resultantes do processo de queima (fogo ou fogueira), e por situar-se fora do núcleo da aldeia (Landa, 1995). A queima era realizada, em muitos casos, com a abertura de buracos no chão. Neles eram colocadas as vasilhas, cobertas por lenha antes de atear o fogo (La Salvia e Brochado, 1989; Silva, 2000).

Os restos de argila, identificados como massas, também estariam relacionados ao ato de produção das vasilhas cerâmicas, segundo Jacques (2007). Seriam resultado do processo de manufatura da cerâmica, como rejeitos.

Machado (2008, p.139), em seu trabalho realizado na região do Rio das Antas/RS, identificou a presença de seixos com marcas de polimento no espaço habitacional. Segundo o autor, estes seriam utilizados “para dar acabamento a algumas vasilhas cerâmicas, no momento em que elas atingem o ponto de couro”⁹.

Por serem pouco estudadas, as áreas de criação dos artefatos líticos (entre os Guarani) são quase desconhecidas. Machado *et al.* (2009), ao investigar a obtenção de matérias-primas no sítio RS-T-114, cita as cascalheiras como os possíveis locais de

⁹Momento em que as vasilhas atingem o ponto para queima.

obtenção das pedras. A manufatura inicial destas, segundo os autores, poderia ser o próprio local de obtenção da matéria-prima¹⁰, as cascalheiras. Entretanto, a indicação exata da localização desses depósitos de seixos de arraste fluvial e blocos ao longo do período de ocupação dos sítios é desconhecida, em virtude da dinamicidade dos ambientes fluviais (Brown, 2001).

Machado (2008, p.169) indica que “a matéria-prima para a elaboração do material lítico era depositada dentro do espaço habitacional, sendo exposta ao fogo com maior ou menor intensidade, sendo também processada nestes locais”. Nessa perspectiva, Soares (2004) afirma que parte do processo de elaboração se dava dentro do espaço habitacional, ao redor das estruturas de combustão.

A produção dos objetos líticos pode ser observada a partir de resíduos de lascas, núcleos e outros detritos, refletindo ações de percussão e indicativos dos locais onde a ação ocorria. Além disso, a presença de micro-lascas (menores de dois centímetros), difíceis de serem transportadas, indicariam locais onde estes seriam fabricados e utilizados os artefatos (Rosa, 2007).

Soares (2004) ressalta que as micro-lascas provavelmente representam o resultado involuntário de várias tentativas de lascamento. Isto devido à falta de negativos (marcas) de utilização. Jacques (2007), ao analisar a dispersão das lascas, que seriam resquícios de atividades de produção, salienta que as mesmas estão em locais mais afastados, distanciados dos locais de preparo de alimentos.

¹⁰Os autores levantaram esta hipótese a partir da inexistência, até o momento, de uma área com características de oficina lítica, onde estes artefatos eram confeccionados. Outro elemento que reforça esta hipótese é a grande disponibilidade de matéria-prima.

A utilização da cultura material

Uma das atividades feitas pelos Guarani era o processamento de alimentos produzidos nas roças. Alguns deles, como a mandioca, eram processados inicialmente na roça, com o descascamento do tubérculo¹¹. “A mandioca seria descascada com o auxílio de conchas afiadas” (Landa, 1995, p.78). Outros cultivos necessitavam para sua colheita o uso de facas e machados em pedra.

Na aldeia seriam processados os alimentos numa segunda etapa. O milho era moído, com o auxílio de pilões. Já a mandioca poderia ser ralada, com o auxílio de raladores de micro-lascas cortantes. O suporte do ralador seria de madeira, entretanto, este poderia ser localizado arqueologicamente pela aglomeração de micro-lascas. Porém, Landa (1995) indica que só estes materiais não indicariam a localização do artefato, sendo necessário o conhecimento de todo o contexto. As atividades teriam como espaço da aldeia as áreas internas ou externas (ar livre) das estruturas, como as casas, onde as mulheres preparavam os pratos, ou então nas estruturas anexas, onde se realizavam a secagem e tostagem da mandioca.

A preparação dos pratos estaria vinculada aos espaços domésticos. A presença das diferentes vasilhas com estas funcionalidades poderia indicar onde estas atividades ocorreram, bem como, o processo de consumo e armazenagem de alimentos. Entre os outros elementos encontrados nessas áreas, referentes às atividades de preparação de alimentos, estariam conforme Landa (1995): suportes das vasilhas¹², instrumentos cortantes¹³ e as fogueiras.

¹¹Landa (1995) complementa que a mandioca também poderia ser descascada na aldeia.

¹²“Eram confeccionados do mesmo barro utilizado para a confecção das demais vasilhas. Estes suportes poderiam ser proporcionados pela utilização de outros artefatos de cerâmica, como panelas que não serviam mais para serem utilizados” (Landa, 1995, p.98). Schmitz *et al* (1990), Noelli (1993), Soares (2004), Prous (2004), entre outros, acrescentam a utilização de

Silva (2000, p. 78), ao analisar etnograficamente os Asuriní do Xingu, identifica as cozinhas como unidades de preparação dos alimentos, onde

“[...] são mantidas pequenas fogueiras permanentemente em brasa, e as refeições podem ocorrer em qualquer hora do dia. Acúmulos de cinza são freqüentes nessas estruturas de cozimento que, muitas vezes, podem ser deslocadas de um lugar para outro espalhando os seus vestígios por todo o espaço da cozinha.”

Assim como na produção das vasilhas cerâmicas, as fogueiras exercem um papel essencial no processamento dos alimentos. Wüst (1990) lembra que estas estruturas costumam ser imóveis, e que os artefatos encontrados nas suas proximidades, suporiam sua utilização nestas proximidades. As estruturas de combustão poderiam localizar-se dentro ou fora da habitação, e nas estruturas anexas. Como elementos encontrados nelas estariam: terra queimada, cinzas, fragmentos de carvão, fragmentos de cerâmica, lítico, ossos humanos e animal, entre outros (Noelli, 1993).

Os artefatos líticos teriam sua utilização em diversas funções e locais. Schmitz *et al.* (1990) cita várias formas de consumo: na construção de casas, móveis e armas, seriam utilizados machados e lascas; seixos e pedras de fogão, eram utilizados para manter o calor do fogão e sustentar vasilhas; lascas e furadores, para cortar, furar e aplanar; afiar lâminas e lascas, seriam

pedras como suporte das vasilhas. Por estarem sustentadas sobre o fogo em sua maioria, estas teriam marcas de alteração térmica.

¹³“Nesta categoria estariam aqueles instrumentos que poderiam ser de osso, dentes de animais, lítico ou carapaças de moluscos que teriam como função principal cortar produtos vegetais, carnes e cascas” (Landa, 1995, p.98). Noelli (1993) também cita a utilização de moluscos nas atividades domésticas como instrumentos cortantes.

necessários alisadores em canaleta; para moer e esmagar alimentos, pilões; cristais picoteados e polidos, para enfeites e adornos.

Dentro do exposto, os locais onde estas atividades ocorreriam eram variados. Desde as roças, até o interior dos espaços habitacionais. As lascas, segundo Landa (1995), são comuns em espaços com a funcionalidade de preparação de alimentos, tanto nos espaços habitacionais, quanto nas estruturas anexas.

O RS-T-114 no contexto regional

Objeto de estudo, o sítio arqueológico pré-colonial RS-T-114 (FIGURA 01), localiza-se na região geopolítica do Vale do Taquari¹⁴, no centro-leste do estado do Rio Grande do Sul. O sítio encontra-se as margens do Rio Forqueta, no município de Marques de Souza.

Estendendo-se geomorfologicamente entre o Planalto das Araucárias e a Depressão Central, o Vale do Taquari comporta no seu relevo a Escarpa ou Encosta do Planalto, Morros Testemunhos, Patamares e Terraços Fluviais. Apresenta a formação Serra Geral na parte alta, e Botucatu na parte baixa (Justos, Machado e Franco, 1986).

A hidrografia apresenta como principal recurso hídrico o Rio Taquari e, entre os diversos afluentes destaca-se o Rio Forqueta. A vegetação contempla áreas de Floresta Ombrófila Mista, na porção norte, e da Floresta Estacional Decidual, com fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual, nas zonas sul e intermediária, onde se encontra inserido o referido sítio arqueológico. O clima, subtropical úmido, é caracterizado por verões quentes e invernos mitigados. Temperaturas médias no verão e inverno, respectivamente, 23,2º e 12,7º (Teixeira e Neto, 1986).

¹⁴Conforme o Banco de Dados Regional – BDR- (2008), a região é compreendida por 36 municípios, numa área de 4.821, 1 Km².

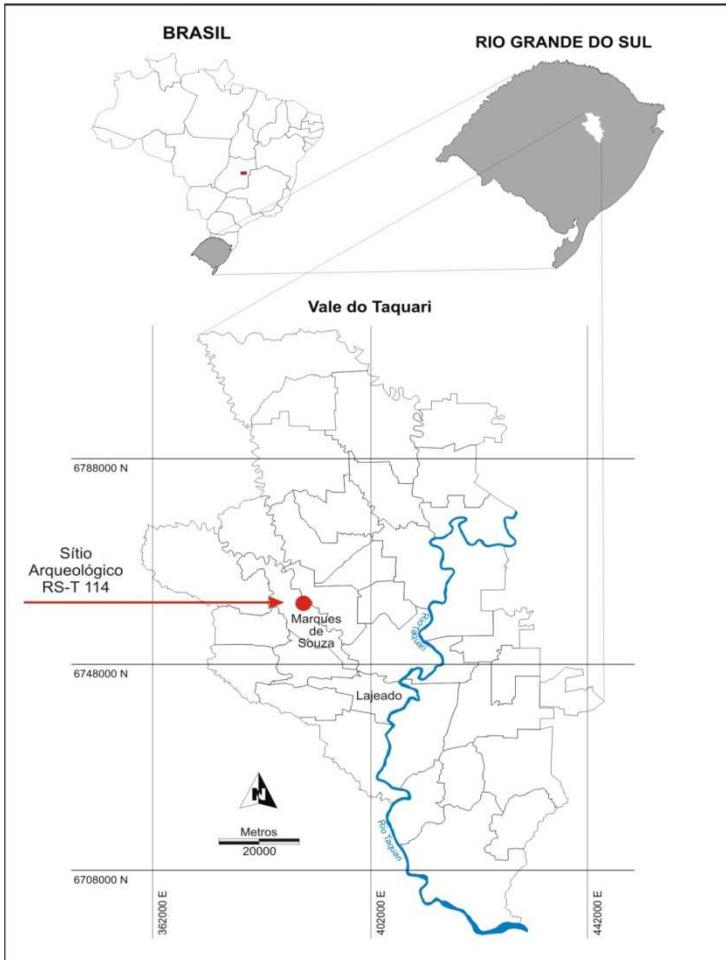


Figura 01

Localização geográfica do Vale do Taquari, com destaque ao município de Marques de Souza/RS onde localiza-se o sítio arqueológico RS-T-114.

Adaptado de Kreutz, 2008, p. 22.

Dentre as espécies que compõem a fauna regional, encontram-se: veado-campeiro, bugio, anta, cutia, tatu-galinha, ratão-do-banhado, porco-do-mato, paca, aracuã, saracura, inambú, mareco-do-pé-vermelho, tucano-do-bico-verde, lambari, piava, pintado, dourado, jundiá, cascudo e cara (Rambo, 2000).

O sítio encontra-se em uma extensa planície de inundação de aproximadamente 100.000 m². Conforme a tipologia topomorfológica proposta por Morais (2000, p.88), afirma-se que se trata de um sítio em terraço fluvial. Estes sítios ocorrem em “superfícies planas, levemente inclinadas, com retrabalhamento, alçadas por ruptura de declive em alguns metros em relação ao nível d’água ou às várzeas recentes”.

A mata ciliar, na margem onde se localiza o sítio, cobre somente a barranca e está em seguido processo de desmatamento. Apesar da detecção de evidências arqueológicas por toda a extensão da planície, as intervenções se concentram em duas áreas distintas, devido a identificação de concentrações: a Área 1 e a Área 2, objeto deste estudo.

Os dois locais estão distantes 33 m entre si, sendo que a Área 1 está localizada ao sul da Área 2, no talude do rio. O local apresenta uma camada de solo escurecido (núcleo de solo antropogênico), associado a evidências líticas, cerâmicas e remanescentes da arqueofauna.

Já a Área 2 está localizada junto a planície de inundação, onde o relevo apresenta uma topografia plana, diferente da outra área, onde ocorre um declive acentuado. Possui como ponto zero as coordenadas UTM 22J – 391292 E de Longitude e 676047 N de Latitude, a 65 m de altitude.

Método

A escolha de um método adequado torna-se essencial para o alcance dos objetivos propostos. A escavação de um sítio arqueológico significa a destruição do mesmo. A Área 2 do sítio

arqueológico RS-T-114 abrange uma área de escavação de 144 m², delimitada em quadrículas de 2 x 2 m, escavadas através da técnica de decapagem, sem a adoção de níveis artificiais. Os materiais identificados foram registrados tridimensionalmente.

A pesquisa em laboratório compreendeu a classificação tipológica das evidências líticas e cerâmicas. Apesar de muitos arqueólogos desconsiderarem esta metodologia, na análise espacial os diferentes pontos (referentes a cada peça) necessitam ser identificados. Porém, um estudo centrado somente nos números e forma dos fragmentos, torna-se rígido. Morales (2007) acredita que a junção das análises tipológicas com informações do contexto espacial e ambiental, possibilitam o alcance a interpretações mais detalhadas sobre a organização social dos grupos que viveram no local.

A análise da coleção dos fragmentos de cerâmica baseou-se na caracterização e identificação do tamanho e possível funcionalidade das vasilhas, reconstituídas a partir do desenho e forma da borda. Para tanto, utilizaram-se como referência: Brochado (1977), La Salvia e Brochado (1989), Meggers e Evans (1970), Schmitz *et al.* (1990), Rogge (1996), Jacques (2007), Oliveira (2008), Schneider (2008)¹⁵ e Fiegenbaum (2009)¹⁶. Este último elaborou um modelo para as vasilhas do sítio RS-T-114. Fiegenbaum (2009) agrupou as vasilhas em três grandes grupos: vasilhas com a função de servir e consumir alimentos (pratos, tigelas e assadores); vasilhas com a funcionalidade de cozinhar alimentos (panelas);

¹⁵Schneider (2008) trabalhou com o sítio RS-T-101 localizado a 4 km de distância do sítio aqui apresentado. A pesquisadora identificou a partir de análise a coleção de bordas as diversas vasilhas e funcionalidades destas.

¹⁶Fiegenbaum (2009) teve como objeto de estudo o sítio RS-T-114. Nele o pesquisador analisou a cultura material proveniente da Área 1, Área 2 (intervenção de 2006) e da planície de inundação, recolhida pelo proprietário durante o cultivo. O trabalho torna-se pertinente a medida que traz no estudo a análise de uma vasta coleção de materiais líticos, identificando marcas de uso e encabamento. Além do material lítico, Fiegenbaum trabalhou com os fragmentos de vasilhas cerâmicas e vestígios arqueofaunísticos.

vasilhas com a funcionalidade de servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)¹⁷.

De acordo com esta classificação, consideraram-se panelas os recipientes cuja altura é maior ou igual ao diâmetro máximo, algumas vezes a abertura superior é mais ou menos adstrita. Seriam utilizadas para o preparo de alimentos ao fogo. As tigelas seriam recipientes nos quais a altura é igual ou menor que o diâmetro máximo. Os jarros teriam altura maior ou igual ao diâmetro máximo do bojo, apresentando constrição maior na porção superior, formando um gargalo. Utilizados geralmente para armazenar líquidos. Por fim, os pratos ou assadores possuiriam a altura muito menor do que o diâmetro, com a base plana ou muito aplanada (Brochado, 1977; Rogge, 1996; Fiegenbaum, 2009).

A classificação do tamanho das vasilhas obedeceu aos seguintes critérios: foram consideradas miniaturas as vasilhas menores de 12 cm de diâmetro, pequenas as vasilhas entre 12 e 17 cm, médias entre 18 e 27 cm, e grandes as vasilhas cujo diâmetro superasse os 28 cm.

Com relação ao material lítico optou-se por primeiramente analisar e classificar as evidências a partir de uma ficha tipológica (matéria-prima X tipologia X negativos de fogo X negativos de polimento X negativos de uso)¹⁸. Apesar de pouco investigado, o material lítico Guarani apresenta-se como uma importante ferramenta para o entendimento destes grupos. Como referenciais, para a caracterização e quantificação, utilizou-se das seguintes referências: Prous (1986/1990, 2004), Rogge (1996), Schmitz *et al.* (1990), Laming-Emperaire (1967) e Fiegenbaum (2009).

Após a identificação inicial, os pontos referentes a cultura material foram inseridos em uma prancha, utilizando o programa *Golden Software Surfer 8.0*. Na sequência, estes foram caracterizados a partir da análise acima descrita, com a utilização de

¹⁷Representadas por uma complexidade maior na forma.

¹⁸Para identificação dos negativos fez-se uso de uma lupa binocular.

símbolos distintos para cada um dos elementos identificados. Além da visualização total, foram confeccionadas pranchas com a distribuição das vasilhas (identificadas a partir das bordas), material lítico com negativos de fogo, polimento e uso. Por fim, estes dados foram confrontados com as informações sobre as áreas de atividade de grupos Guarani e sua distribuição no espaço.

Resultados

Foram analisadas 1633 evidências arqueológicas, provenientes de plotagens tridimensionais na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114. Destas, 1380 correspondem a fragmentos de cerâmica (bordas, paredes, bases e massas). Enquanto que, 252 referem-se a evidências líticas. Ainda foi identificada a presença de um vestígio arqueofaunístico (concha de molusco bivalve¹⁹), na quadrícula E3.

As maiores concentrações de material foram evidenciadas nas proximidades da área de combustão, entre as quadrículas G1, G2, F1 e F2. Entre as características presentes nesta estrutura estão: cinzas, carvões, material cerâmico e lítico.

Dentre as 46 vasilhas com funcionalidade identificada, de um total de 153²⁰, em 19 foi possível a identificação do diâmetro de abertura. Observou-se uma distribuição das vasilhas em três áreas distintas. A primeira área localizada junto aos quadrantes A e B, próximo ao talude. Uma segunda localizada entre os quadrantes D e E. E por fim, uma área nas proximidades da área de combustão (FIGURA 02).

Na primeira área, localizada próxima ao talude, há predominância de vasilhas com a funcionalidade de servir e consumir alimentos, tanto com formas mais simples, quanto

¹⁹Nome científico: *Diplodon* sp.

²⁰O pequeno número de vasilhas identificadas refere-se a pequeno tamanho dos fragmentos de borda, que impossibilitam há uma reconstrução mais fiel.

complexas. Enquanto que as panelas, utilizadas ao fogo, representam apenas 2 peças de um total de 12.

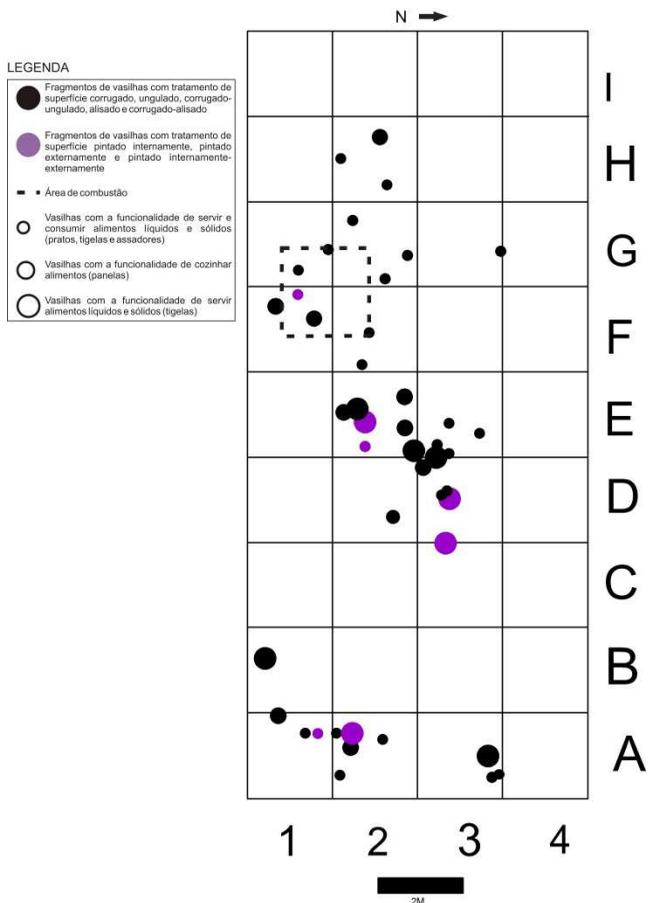


Figura 02

Distribuição espacial das vasilhas de acordo com sua funcionalidade. Observa-se uma predominância de vasilhas para consumir e servir alimentos nas proximidades da área de combustão.

Elaborado pelos autores (2012).

Já no segundo espaço supracitado, evidenciam-se todas as funcionalidades apresentadas por Fiegenbaum (2009). De um total de 17 vasilhas identificadas com funcionalidade, 4 referem-se a panelas; 6 à funcionalidade de servir alimentos, com um contorno mais complexo; e 8 vasilhas à funcionalidade de servir e consumir alimentos líquidos e sólidos. Sendo que estas vasilhas encontram-se em uma área de 16 m².

A terceira área analisada, localizada próximo a área de combustão, apresenta 14 vasilhas, sendo que 10 estão entre as quadrículas G1, G2, F1 e F2. Percebeu-se neste local a ausência de vasilhas com o contorno mais complexo, com a funcionalidade de servir alimentos. Identificaram-se 3 panelas e 11 recipientes com o contorno da forma simples, com a funcionalidade de servir e consumir alimentos sólidos e líquidos.

A distribuição das vasilhas pelo seu tamanho indica duas áreas distintas: uma localizada na porção central e outra próxima ao talude. A maioria das vasilhas pequenas (3) localizam-se entre as quadrículas A1 e B1. Local onde está a vasilha em miniatura. A outra vasilha pequena foi observada na quadrícula D3. As vasilhas medianas estão na região central da área, exceto uma localizada na quadrícula A2.

Dentre o material lítico identificado estão seixos, lascas, fragmentos, núcleos, cristais e um tembetá. Além do basalto, ainda registraram-se como matérias-primas: a calcedônia, quartzo e arenitos (friável e silicificado). Especialmente foram identificadas duas concentrações principais: uma nas proximidades do talude e outra na parte central.

Os seixos, lascas e fragmentos, de basalto, fragmentos de arenito friável, encontram-se dispersos pelas duas concentrações. As lascas unipolares estão concentradas nas quadrículas centrais, principalmente G1, próximas a área de combustão.

Os núcleos bipolares, principalmente de calcedônia, apresentam-se em concentrações. Uma evidenciada na quadrícula

F1, juntamente com núcleos bipolares de quartzo. Sendo que as lascas bipolares, tanto de quartzo quanto de calcedônia foram registradas na quadrícula ao lado, G1, e entorno. Outra concentração significativa de núcleos bipolares e lascas de calcedônia está no entorno da quadrícula E3. Os núcleos unipolares, de arenito silicificado e calcedônia, encontram-se respectivamente nas quadrículas F2 e H2. A única lasca de arenito silicificado está localizada na quadrícula D3. Já o tembetá de quartzo encontra-se na quadrícula F2.

Na quadrícula A1, encontram-se núcleos e lascas bipolares de quartzo, próximos. Exceção acontece nas quadras H2 e I1, onde foram identificadas apenas lascas bipolares. Nota-se uma grande “variedade” de elementos líticos nas quadrículas onde foi detectada a área de combustão (G1, G2, F1 e F2).

Os materiais com negativos decorrentes de exposição ao fogo foram identificados no basalto, calcedônia e arenitos. Os fragmentos de basalto, identificados na arqueologia Guarani como “pedras de fogão”, apareceram em maior número. Dentre todas as evidências, a maioria esteve localizada nas proximidades da área de fogo. Entretanto, evidenciaram-se concentrações em outras áreas, podendo indicar a localização de outras fogueiras (FIGURA 03).

Os negativos de polimento foram constatados no arenito friável e nos seixos de basalto. Os primeiros associados aos famosos “alisadores”, já os seixos associados à finalização de instrumentos líticos e acabamento das vasilhas cerâmicas. A distribuição espacial destes materiais demonstrou uma proximidade da área de combustão.

Foram identificadas marcas de uso em 11 peças, a maioria representada por lascas bipolares de calcedônia (6). Ainda constataram-se negativos em uma lasca unipolar de basalto (riolito). As marcas de uso foram identificadas em peças nos diferentes locais da área, entretanto, observou-se um maior número de evidências no entorno da área de combustão. Apesar da maioria das evidências não apresentar nenhum indicativo de uso ou alteração térmica, a

presença no contexto de ocupação sugere uma ação humana de transporte à área de habitação. A utilidade destes testemunhos naturais, sem alteração antrópica, é desconhecida. Uma das possibilidades seria o armazenamento de matéria-prima para posterior transformação e utilização.

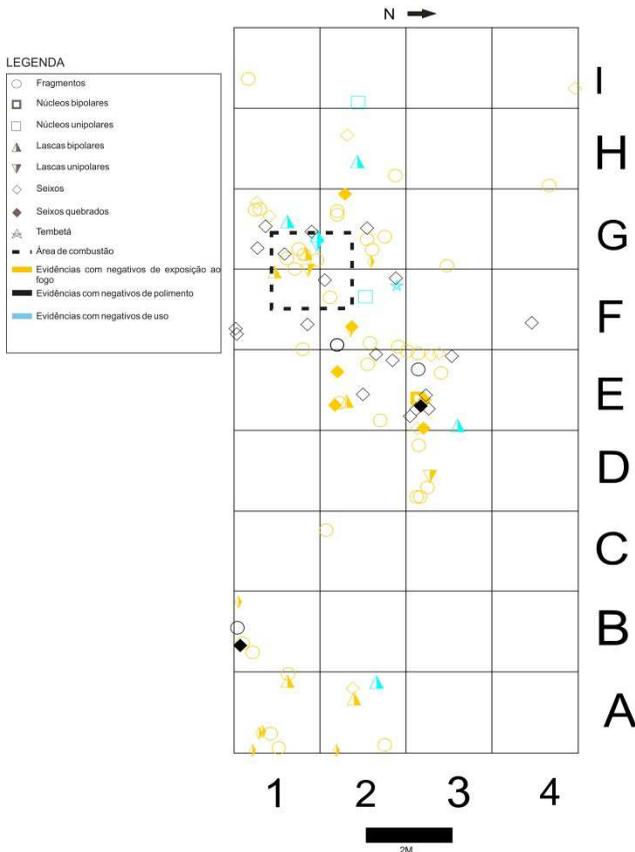


Figura 03

Distribuição espacial das evidências líticas com negativos de exposição ao fogo, polimento e uso.

Elaborado pelos autores (2012).

Interpretação

Pelo exposto, percebe-se que o espaço no entorno da área de combustão era intensamente utilizado. A dispersão dos vestígios com alteração térmica confirma sua presença, como a presença de vasilhas com funcionalidade de produção de alimento ao fogo (panelas), embora existam vestígios em outras partes da área que possam indicar outras estruturas.

A presença de restos de argila, mesmo que poucos, indica que parte das vasilhas possivelmente foram produzidas no espaço investigado. Não se descarta sua produção em outro local, fora da área estudada, na medida em que a quantidade de vasilhas diferentes identificadas sugere uma maior produção de rejeitos do processo de manufatura²¹. Os seixos com marcas de polimento seriam utilizados para dar o acabamento final destas, no entorno da área de combustão. A cocção do recipiente, assim como indicam os dados etnográficos, processava-se em outro local não evidenciado na escavação do espaço habitacional.

A dispersão das vasilhas indica uma aglomeração de vasilhas com a funcionalidade de preparo, servir e consumir alimentos no entorno da área de combustão, entretanto, não se pode afirmar que esta era somente utilizada para o processamento dos alimentos pelas mulheres. O consumo dos alimentos ocorria próximo da área de combustão, e no seu entorno. A identificação de vasilhas maiores, nesse local supõe um maior convívio social do que no espaço próximo ao talude.

A confecção do material lítico utilizado pelo grupo, era em parte processada neste espaço. A presença de poucas lascas unipolares é um indício de que a produção dos grandes talhadores e bifaces, indicados por Fiegenbaum (2009) e encontrados ao longo da planície, não se processava no espaço habitacional.

²¹Não descarta-se a possibilidade de que parte desses rejeitos tenha sido transportada para a Área 1, já que segundo Fiegenbaum (2009), levanta a hipótese de associação com uma área de descarte.

Enquanto isso, a confecção de lascas bipolares, a partir da presença de núcleos e lascas, era realizada em parte dentro da “casa”. A utilização dessas para atividades domésticas (cortar e raspar) indicaria sua confecção neste local. Um dos possíveis locais para a produção deste material seria nas proximidades da área de fogo. Entretanto, a presença de poucos refugos deste processo deve ser questionada. Assim como na cerâmica, no material lítico identificam-se poucas (nenhuma) remontagens, fragmentos comuns há uma mesma peça, possibilitando a interpretação de uma limpeza ocasional do espaço. Material que seria descartado em outro local.

Relacionando-se a presença de vasilhas com a funcionalidade de preparo e consumo de alimentos, com a localização das lascas bipolares, no entorno da área de combustão, sustenta-se a hipótese de que a estrutura fora utilizada para preparação dos alimentos consumidos pelo grupo, diferentemente das demais concentrações de vasilhas.

Soares (2004) coloca as estruturas de combustão como centro das atividades. O autor diferencia as fogueiras, dos fogos e fogões. Nas fogueiras realizavam-se os fogos de maior extensão, com a funcionalidade de cocção, ou não, ou como áreas de lascamento. Os fogões, por sua vez, estariam relacionados às funcionalidades de preparo de alimentos, com a presença de cerâmica em seu interior. Os fogos teriam como funcionalidade o aquecimento da estrutura habitacional, sem a presença de cerâmica e lítico em seu interior.

Wüst (1990) apresenta as áreas de combustão como lugares centrais, imóveis, que podem ser entendidas como estruturas simbólicas, ligadas a uma funcionalidade num segundo plano. Embora a autora levante a perspectiva de interpretar as áreas de combustão como estruturas simbólicas, a abordagem utilizada demonstrou uma direta ligação com atividades funcionais (preparo e consumo de alimentos, além do lascamento de núcleos bipolares).

Considerações finais

A análise espacial apresentou-se como uma ferramenta propícia para a interpretação do espaço e das atividades realizadas neste. Baseada na relação entre a cultura material e sua localização no contexto arqueológico. Apesar de pouco estudada, a análise das áreas de atividade Guarani demonstrou uma diversidade de ações em diferentes locais. A maioria delas acontecia na aldeia ou nas suas proximidades. Tanto na estrutura de habitação (casa) quanto nas estruturas anexas.

Interpretou-se a área estudada como pertencente a uma unidade habitacional do grupo Guarani ali estabelecido. As atividades propostas para a Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, sugeridas após análise da cultura material e sua dispersão espacial, englobam a manufatura da cerâmica, o lascamento bipolar de evidências líticas, além do preparo e consumo de alimentos.

Observou-se uma concentração de elementos no entorno da área de combustão, registrando uma diversidade de atividades nas proximidades. Além do preparo de alimentos ao fogo, registrado pela presença de vasilhas com esta funcionalidade, a região apresentou outros tipos de cultura material, sugerindo sua manipulação no local. Entre estes elementos estão os fragmentos líticos polidos, utilizados para dar o acabamento a utensílios em fase de finalização (vasilhas cerâmicas e artefatos líticos), e os núcleos e lascas bipolares, indicando uma forma de lascamento no local.

A diversidade artefactual identificada é um indicativo de um grande convívio social no local. A este fato, aliam-se a grande quantidade de vasilhas, bem como a presença de grandes vasilhas. A distribuição espacial da cultura demonstrou a presença de concentrações de material. A maior diversidade de materiais esteve concentrada na área de combustão, localizada no processo de escavação.

A análise realizada limitou-se a um espaço específico do sítio arqueológico RS-T- 114, uma unidade habitacional. As áreas de

atividades Guarani englobam outras áreas, com diferentes funcionalidades, dentro do território do *teko'á*. Observa-se no sítio em questão uma intensa ligação entre os diferentes espaços utilizados pela população Guarani ali estabelecida, tanto nas áreas próximas ao talude do Rio Forqueta, onde se evidenciaram concentrações de evidências lito-cerâmicas e arqueofaunísticas, como na planície onde foram localizados evidência líticas de maior porte.

Referências Bibliográficas

- BDR. Bando de Dados Regional. Perfil do Vale do Taquari. Disponível em: <<http://www.univates.br>>. Acesso em 15 de maio. 2010.
- BINFORD, Lewis R. Em busca do passado. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985.
- BORRAZÁS, Patricia Manãna; ROTEÁ, Rebeca Blanco; VILA, Xurxo M. Ayán. Arqueotectura 1: bases teórico metodológicas para uma arqueologia de la arquitectura. Tapa: traballos de arqueoloxia e patrimonio, nº25. Santiago de Compostela, 2002.
- BROCHADO, José B. Alimentação na Floresta Tropical. Instituto de Filosofia e ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, Caderno nº2, 1977.
- BROWN, A. G. Alluvial geoarcheology: floodplain archaeology and environmental change. 2ªed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CLARKE, David L. Spatial Archaeology. Boston: Academic Press, 1977.
- FIGENBAUM, Jones. Os artesãos da pré-história do Vale do Taquari e sua cultura material. Monografia (Graduação). Lajeado: UNIVATES, 2006.
- _____. Um Assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

- HODDER, Ian; ORTON, Clive. *Análisis Espacial en Arqueología*. Barcelona: Ed. Crítica, 1990.
- KREUTZ, Marcos Rogério. *O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari*. Dissertação de Mestrado. Lajeado: Univates, 2008.
- JACQUES, Clarisse Callegari. *As pessoas e as coisas: Análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lídia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Moreira. *Geomorfologia*. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Levantamento de Recursos Naturais*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, p. 313-404, 1986.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. *Manuais de Arqueologia 2*, Curitiba: CEPA, 1967.
- LANDA, B. S. *A Mulher Guarani: Atividades e Cultura Material*. Dissertação Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- MACHADO, Ademir José. *Avançar adaptar e permanecer: a tradição Tupiguarani no médio Rio das Antas*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia; SCHNEIDER, Fernanda. *Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul*. *Revista Cerâmica*, v. 54, p. 103-109, 2008.
- MACHADO, Neli Teresinha Galarce; JASPER, André; SCHNEIDER, Fernanda; KREUTZ, Marcos Rogério. *Análise geoambiental e sua relação com a captação de matérias-primas para a confecção de instrumentos líticos pré-coloniais no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil*. *Revista Americana de Arqueologia*, nº 27, p. 119-136, 2009.

- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica, manual para arqueólogos. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 111 p. 1970.
- MILDER, Saul S. Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/MAE, 2000.
- MILHEIRA, R. G. Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Lagoa dos Patos e Serra do Sudeste – RS. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/MAE, 2008.
- MORALES, Walter Fagundes. Um estudo de Arqueologia regional no médio curso do rio Tocantins, Planalto Central brasileira. São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 17, 2007.
- MORAES, Camila Azevedo de. Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/MAE, 2007.
- MORAIS, José Luís de. Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista. Tese de Livre-Docência. São Paulo: USP/MAE, 1999.
- NOELLI, Francisco Silva. Sem Tekohá não na Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1993.
- OLIVEIRA, Kelly. Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2008.
- PROUS, A. Os artefatos líticos. Elementos descritivos e classificatórios. Arquivos do Museu de História Natural, V. 11. Belo Horizonte: UFMG, 1986/90, p 1-89.
- _____. Apuntes Para Análisis de Industrias Líticas. ORTEGALIA [Monografías de Arqueología, Historia y Patrimonio]. N. 2, Ortigueira, dec. 2004.
- RAMBO, Balduino. A fisionomia do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Editora UNISINOS. 2000.

- RODRIGUES, R. A.; AFONSO, M. C. Um olhar etnoarqueológico para a ocupação guarani no Estado de São Paulo. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, v. 18, p. 155-174, 2002.
- ROGGE, Jairo Henrique. Adaptação na floresta subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. Pesquisas, Documentos 6. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 3-156, 1996.
- ROSA, Caroline Avelino Deitos. Pessoas, Coisas e um Lugar: uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara/RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- ROURA, Eudald Carbonelli; MORENO, Jorge Martinez; TORGAL, Rafael Mora; MORALES, Ignacio Muro. Conceptos básicos em el análisis espacial. Arqueología Espacial: Colóquio sobre el microespacio. 15 al 17 de septiembre. Teruel, 1986.
- SCHIFFER, M. Archaeological context and systemic context. SCHIFFER, M. Behavioral Archaeology: firts principles. Salt Lake City, University of Utah Press, 1972.
- SCHMITZ, P. I., ARTUSI, L., JACOBUS, A. L., GAZZANEO, M., ROGGE, J. H., MARTIN, H., BAUMHARDT, G Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. Documentos, Nº 4. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990. 135p.
- SCHNEIDER, Patrícia. Cozer, Guardar e Servir: a cultura material do cotidiano no sítio Pré-colonial RS T 101 – Marques de Souza/RS. Monografia (Graduação). Lajeado: Univates, 2008.
- SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Tese Doutorado, São Paulo: MAE/USP, 2000.
- SOARES, André L. R. Guarani: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- _____. Contribuição para a Arqueologia Guarani. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/MAE, 2004.

- TEIXEIRA, Mario Buede; NETO, Augusto Barbosa Coura. Vegetação. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Levantamento de Recursos Naturais. Rio de Janeiro: V. 33, p. 541-632, 1986.
- WÜST, I. Continuidade e Mudança: Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1990.

Recebido em: 21/02/2013
Aprovado em: 10/04/2013
Publicado em: 06/05/2013